



60
Anos

REVERÊNCIAS DE CORPO AUSENTE, DE MARGARIDA PATRIOTA

Wilson Pereira

Reverências de corpo ausente é o terceiro livro de poemas de Margarida Patriota. O primeiro veio a público em 2017, com o título de *Laminário*, quando já conhecida e reconhecida como romancista, contista e ensaísta, resolveu ela incursionar pelo campo da poesia. E chegou com a segurança e o talento que lhe era peculiar nos outros gêneros literários. O segundo, *Tempo de delação*, foi editado em 2019. Agora vem a autora continuar sua trajetória bem-sucedida também de poeta.

Já se disse que poesia não é para ser entendida, mas para ser sentida. Parece-me, no entanto, mais adequado pensar que poesia, como arte que é, deve ser principalmente fruída. A poesia se manifesta nos vãos e nos veios da linguagem – densa, porque sintética e incisiva, mas também rarefeita, porque subjetiva e imprecisa. Na linguagem poética se processam as imagens de sonhos e desejos, de desafios e devaneios, de sustos e vertigens que o poeta professa. A leitura de um bom livro de poemas é uma colheita de surpresas. É assim que deve vir o leitor para o conjunto de textos do livro de Margarida, com o espírito ávido de novos sabores de quem vai para um pomar de frutos exóticos ou desconhecidos.

Embora aparentemente convencional, tanto no sentido da estrutura poemática quanto no que concerne ao conteúdo, a poesia da autora surpreende pela escolha e pela combinação cuidadosas do vocabulário e pela elaboração de uma linguagem de fino trato semântico, com inusitados efeitos poéticos.

O repertório temático que permeia todo o livro é variado, e é de se notar que recai sobre situações, fatos, coisas, seres, que povoam o mundo imediato da escritora, o agora imanente, as circunstâncias que se lhe apresentam no dia a dia. Com Ortega Y Gasset ela bem que poderia repetir: eu não sou eu apenas, sou eu e minhas circunstâncias. As reverências que o ofício poético lhe pede se destinam às suas referências de ser e estar no aqui e no agora, de corpo ausente, mas de olhar agudo e atento a tudo que sua bateia pode extrair de gemas para os poemas.

Sua poesia não alça voos nefelibatas, não cisma altas filosofias nem segue rotas abstratas. Antes, cava o chão do cotidiano e lança seu foco para captar do instante a essência por trás e por dentro das aparências e para revelar o que é imperceptível ao senso comum, como afirma: vasto existir fermenta/ sob o que aparenta (poema Eva. p. 7).

Como a poesia é ressignificação das palavras, ou reinvenção do mundo, do real, pela linguagem, a sensibilidade criativa da poeta vai tecendo uma rede de metáforas para renovar o sentido das coisas e dos assuntos que aborda e que borda com suas imagens poéticas. Nem sempre o poema resulta numa construção lógica, de fácil entendimento. A autora mesma alerta: nem tudo deságua em compreensão ou sedimento (do poema “Dos fluxos da consciência, p. 26). Não é que a poesia de Margarida seja hermética ou sofisticada; ela é mesmo clara, acessível, sem nada de artificialismo verbal ou de rebuscamento esnobe. Também não se pode inferir que o poema não sirva para alguma reflexão ou para a abstração de alguma mensagem que o leitor por acaso queira dele retirar, mesmo porque todo texto tem como objetivo a comunicação com o receptor. E a autora não é alienada, não perde o vínculo com a realidade. Há, por exemplo, o citado poema “Eva” que versa sobre a evolução da mulher na luta para conquistar seu lugar na sociedade, poema no qual se destacam os seguintes versos: Envigora-se para a luta/ no convir se afasta/ mastiga com

prazer/ a polpa que emancipa”. Cite-se, ainda, o poema “Do preservar” (p. 45), em que ela deplora as queimadas que destroem a natureza.

No entanto o que se sobrepõe a qualquer ideologia ou intenção semântica de viés pragmático é o teor estético por excelência. O compromisso da autora é essencialmente com a poesia enquanto arte das palavras. Mesmo quando a composição poética explora simples objetos, coisas banais, a surpresa surge, de repente, como um facho luminoso no fim do poema. É o que ocorre em “Dos momentos de paz” (p. 64), em que depois de enumeradas diversas coisas que compõem o ambiente da cozinha, vem o impacto instigante dos últimos versos: Frutas na fruteira/ flores na mesa/ suco na jarra/ calda na com poteira/ No livro aberto/ ao lado dos pães/ Édipo mata o pai/ e desposa a mãe.

Outro caso exemplar da capacidade da autora de criar ambiguidades conotativas aparece no poema “Acebolada escusa” (p. 47), no qual, após referir-se à lágrima provocada pelo corte da cebola, ela conduz para o arremate em que outra lágrima, de sentido dramático, mas não revelado, é sugerida.

Os poemas desse *Reverências de corpo ausente*, como os dos dois livros anteriores, são extração da mais fina e lapidada lavra poética, a ponto de inscrever o nome de Margarida Patriota entre os melhores poetas da atualidade no Brasil.

RAUL POMPEIA: MÍNIMO, MÚLTIPLO, INCOMUM

Gilmar Duarte Rocha

DE QUANDO EM QUANDO

Helena de Macedo

De quando em quando, embalo o sonho caído de uma estrela cadente. O sonho perdido de um coração boêmio que ama, mesmo desenganado.

Inspiro a força no ar; perdição vertiginosa, nó sufocante, calores, frios... raiz quadrada de um coração apertado, mais preciso e intrincado que uma fórmula matemática.

Noites claras, luas quentes, perfeito desatino de novas, cheias, crescentes e minguanças. Sentir é divino, desencadeia mudanças das quais nem o acaso se encarrega.

Jogo de damas espalhado ao longo do firmamento, mover minucioso, perspicaz, audacioso, sensualmente arrastado na ponta de um dedo; tabuleiro a negro e cintilante ostentando todas as cores de um Céu estrelado em noite de Lua Cheia...

Latejar que ensurdece, desnorteia, emudece; impulso abafado no silêncio desta tortura imaculada. Devaneio lançado no toque feiticeiro de uma varinha mágica, sem abraçadabra, sem misericórdia.

Inquieta-me tudo o que possa roubar, mesmo que apenas uma pitada; o mar sem ondas, luar a meio do dia, raios de Sol à meia-noite... Universo às avessas pela força do meu suplício de onde emergem saudades, não sei de que canto, como se por encanto. Levanta-se-me a pele no arrepio perverso de quem ama em solidão.

Desafiante, este eu recatado; um eu camuflado na barafunda alienada. Novelo entaramelado de fascínio, ponderação, certeza, ilusão, decoro, sedução. Miscelânea das várias versões que descubro em mim.

Vislumbro no céu o rasgo iluminado com o poder de encantar e desencantar. Ai dos espíritos desprevenidos; essências livres à mercê de uma esperança, perdida ou achada.

Contemplando um infinito só meu, rogo aos astros e constelações que não percam de vista a estrela cadente e o meu desejo; fazer Dama no jogo, deslizar para o empate, não perder a fantasia de um amor correspondido.

Regressam suspiros por mim lançados ao Tempo. Devolvo-os com um sopro; talvez um ar os leve e traga de volta sem a dor da ausência.

Sem escolha, entrego a alma, o coração; entrego a ponta solta do novelo entaramelado. Acompanho o desenrolar na imensa escuridão, o desfazer de cada nó enriquecido, serpenteando os anseios deste peito acelerado.

O coração boêmio adormece ao despontar da madrugada. Prolonga o sonho perdido fugindo ao Sol; eterno, implacável demolidor de desvarios.

Sonha, a dormir e acordado, porque o tempo não é para se perder.

Soneto do Mês



LUAR NO MONTE ESTORIL

Ribeiro Couto

Se é do vento esta voz, ou se é do mar,
Não sei dizê-lo: voz desconhecida,
Esta que a meigas núpcias me convida
Tecendo braços vagos pelo ar.

Pela janela aberta entra o luar.
De acordo. Sou bem eu? Minha é esta
[vida?
Que casa é esta? A moça adormecida
Será mesmo a que posso despertar?

Debruço-me à janela: nos pinheiros
Vento e mar, confundidos no jardim,
Misturam choros musicais, ligeiros...

E estranho à casa e a tudo, ao mar e ao
[vento,
Sinto-me absurdo: me perdi de mim
E me procuro pelo firmamento.

(Seleção de Napoleão Valadares)

SONETO DESNECESSÁRIO

Noélia Ribeiro

Tomou-me de assalto um querer rimar
Em forma de soneto pra te ver
Admirada e teu coração tocar
Então tua alma fria estremecer

Versos virgens que não sabem falar
Sobre temas daqueles que que ousas ler
Tantas vezes até memorizar
Para em saraus amigos entreter

No entanto um vil relance de razão
Transformou fino prazer em receio
Que agora revelo de antemão

De criar rimas num soneto feio
Que jamais de teus lábios sairão
Ou suscitarão em ti algum enleio



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F - Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 - Brasília - DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 120 – setembro/outubro 2023

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

DANIEL E JORGE DE LIMA, EM CONSULTA POÉTICA

Edmílson Caminha

Um dos dezesseis filhos dos meus avós paternos Ernestina (Neném) e José Augusto, tio Daniel tomou, na Fortaleza dos anos 1940, a decisão de tantos rapazes pobres como ele: trocou os horizontes curtos da província pela esperança de uma vida melhor no Rio de Janeiro. Em Volta Redonda, mais precisamente, onde arrumou emprego de nível médio na Companhia Siderúrgica Nacional, a cuja inauguração assistiu. Da solenidade, levou como lembrança uma pequena marreta que estivera nas mãos do presidente Dutra, peça hoje pertencente ao Museu da República, no Palácio do Catete, com a placa “doação do Sr. Daniel Caminha”.

Na CSN trabalhou até aposentar-se, quando pôde, então, realizar o velho sonho de pôr na parede o diploma de advogado: no dia 15 de março de 1979, em que completava 60 anos de idade, assistia à primeira aula no curso de Direito, entre jovens que podiam tê-lo como avô. No exercício da profissão, recebeu por engano, de um servidor do Fórum, o processo em que Jorge Amado divorciava-se da primeira mulher, com a assinatura de ninguém menos do que o advogado e deputado Nelson Carneiro, autor da emenda constitucional que estabeleceu o divórcio no Brasil. Tirou-me, algo ilicitamente, cópia do documento, que preservo como curiosidade...

A vocação literária e o amor aos livros me vêm muito mais de tio Daniel do que do meu pai. Em carta de 1978, escreveu-me:

Quando, há quase quarenta anos, animado dos melhores propósitos, cheguei ao Rio, tinha uma firme preocupação: - conquistar um lugar ao sol... E como, na ocasião, supunha que essa *quentura* estava na literatura, atirei-me, de corpo e alma, à sua procura. Assim é que comparecia a toda sorte de atividade ligada, direta ou indiretamente, ao livro, frequentando salões de conferências (inclusive as literomusicais, muito em moda nas décadas 1940/1950) e entrando em contato com as figuras mais expressivas do mundo intelectual daquele tempo: - Gustavo Barroso, prosador exuberante e primoroso estilista do *Terra de sol*; Manuel Bandeira, o humaníssimo poeta de “Irene”; Jorge de Lima, médico-poeta, que fazia versos nos impressos de receituário, autor bastante cortejado e a quem se deve uma das obras-primas da literatura brasileira, a insuperável “Essa Nega Fulô”; José Lins do Rego, então o mais comentado romancista dos costumes do Nordeste brasileiro; Tristão de Ataíde, o ilustre crítico literário; Casiano Ricardo, de *Martim Cererê*; Menotti del Picchia, artista de vários trabalhos

extraordinários, tais como “As máscaras”; o encantador Olegário Mariano, de “As cigarras”, tão do agrado caboclo, e tantos e tantos outros vultos preeminentes do beletrismo que a Segunda Grande Guerra iria sepultar, a mor parte deles já do outro lado da vida...

A luta pela sobrevivência, a cata do pão nosso de cada dia conduzir-me-iam a outros caminhos, a outras paragens de coloridos diferentes...

Depois de algumas tentativas fora daqui, resolvi fixar-me no eixo Rio-Volta Redonda, a fascinante Cidade do Aço, tábua de salvação de muitos moços pobres, como eu.

Era o início de novas coisas, de uma vida mais voltada para a indústria, embora não inteiramente divorciada das letras. E tanto isso é verdade que em 1944 (ou 1945) dei à publicidade meu segundo livro, *Crônicas leves*...

Na Companhia Siderúrgica Nacional, tornar-me-ia burocrata e passaria, no princípio em Volta Redonda e posteriormente no Rio, a viver em gabinetes. E eu, que tanto desejava o calor, a liberdade...

Grande contador de histórias, hospedou-me várias vezes no apartamento da rua Marquês de Olinda, 78, em Botafogo, a poucos passos do número 12, onde se encontrava a Editora José Olympio, com a livraria a que costumávamos ir juntos. Quando se esquecia de algum caso interessante, mandava-me pelo correio, como em 1985:

Antônio Felino Barroso, pai de Gustavo Barroso, reunia, a um só tempo, estas três qualidades: agnóstico, muito lido e bastante irreverente.

Quando ele comemorou seu 100º aniversário natalício, o filho ofereceu magnífica recepção no seu solar da Rua Sá Ferreira, 123, em Copacabana, à qual compareceu o que havia de melhor na sociedade carioca.

Enquanto Gustavo e esposa, à porta, recebiam os convidados, o Paizinho (assim o tratava a nora), com as pálpebras esquerdas semicerradas e uma bengala à mão direita, borboleteava no salão, abordando a uns e outros, de quem, sem muito rodeio, indagava dos ascendentes. Aqui e ali ouviam-se comentários mais ou menos assim: “Seu bisavô foi meu colega de farras... Caloteiro como ninguém... Seu avô não era lá grande coisa. Seu estimado pai...” E guardando malicioso silêncio, deixava a todos sem jeito. Ante o impacto causado por tais declarações, concluía: “Eram, entretanto, boas pessoas”, acrescentando, por fim: “Da minha geração, no Ceará, não há um só; todos já se foram.

No Rio só tenho um contemporâneo: o Pão de Açúcar.”

Tive oportunidade de ouvir, dos seus próprios lábios, afirmações como esta: “O Deus de vocês fez muita coisa errada. Para que galo com esporas, se ele não anda a cavalo...?”

Em 1985, Daniel fez-se membro fundador da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, em que ocuparia a cadeira número 2, de que é patrono o escritor Adolfo Caminha, nosso parente (primo dele em segundo grau, meu em terceiro). Sucedeu-o a historiadora conterrânea Isabel Lustosa.

Falecido em 1992, as portas de sua boa biblioteca me foram franqueadas pela prima Liana e o marido Carlos, para que escolhesse os livros que quisesse. Entre as obras raras, fiquei com a primeira edição dos cinco volumes, publicados pela José Olympio, das excelentes memórias de Gilberto Amado: *História da minha infância* (1954), *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960). Saí de lá, também, com os quatro tomos da *História da caricatura no Brasil* (José Olympio, 1963), do cearense Herman Lima.

•••

Importante poeta modernista, autor da monumental *Invenção de Orfeu*, Jorge de Lima era médico urologista, com consultório no centro do Rio de Janeiro, em um edifício na Cinelândia, por feliz coincidência defronte à Biblioteca Nacional. Homem bom, espírito humanitário, elegeu-se vereador, com forte apoio dos motoristas de táxi. Contou-me alguém que um deles chegou a expulsar o passageiro que subestimava os livros do poeta: “O senhor faça o favor de descer! No meu carro, ninguém fala mal do Dr. Jorge de Lima!”

Daniel lhe conhecia versos que citava de cor, como os primeiros de “O acendedor de lampiões”:

Lá vem o acendedor de lampiões da [rua!

Este mesmo que vem, infatigavelmente,

Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece [o poente!

Uma vez por mês, marcava hora, pagava a consulta e entrava no consultório:

— Prazer em vê-lo, Daniel! Algum problema?

— Não, nenhum. Estou ótimo. Vim para conversarmos sobre poesia, sobre literatura...

— Mas você pagou consulta!

— Claro! O senhor é médico, vive disso. Vamos conversar. Faça de conta que estou com uma infecção urinária...

O motoqueiro insano que o atropelou na calçada deixou-o com sequelas que o levaram à morte, aos 73 anos. Imagino o reencontro, no céu dos poetas, com o saudoso amigo

de quem tanto gostava:

— Salve, Daniel! Estou à sua espera desde 1953, quando parti... Agora sim, podemos bater papo à vontade, a consulta é grátis! Veja a placa que São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores, mandou botar na porta:

DR. JORGE DE LIMA
CONSULTÓRIO POÉTICO

LUA AZUL (Ciência e Romantismo)

Arlete Sylvia

No dia 20 de julho de 1969, Neil Armstrong comandante da Apollo XI, que no momento tinha 38 anos, foi o primeiro homem a pisar na Lua e avistar a Terra de lá.

Durante duas horas recolheu amostras, fez experiências, fotografias e fincou a bandeira americana em solo lunar.

Na emoção daquele grandioso momento disse a frase que foi ouvida no mundo inteiro:

Este é um pequeno passo para o homem e um salto gigantesco para a humanidade.

Nosso satélite natural sempre foi inspiração e encantamento para os corações apaixonados: Uma praia, o barulho das ondas e

uma noite de luar, ou mesmo... somente o caminhar de mãos dadas entre as árvores e em silêncio, vivenciando e eternizando momentos que só a lua foi testemunha. E aqui poderemos repetir a frase A lua é dos namorados, dos amantes.

E a Lua Azul?... Esta é realmente um desafio. Muitos acreditam e esperam ansiosos ver a Lua Azul, existe ou não?

Ela é somente um mito. É um fenômeno que ocorre quando em um mesmo mês o satélite natural aparece duas vezes na fase cheia. É um momento de rara beleza, indescritível, admirável e que até hoje o mundo se rende ao seu encanto.

Isso acontece quando o mês é de 31 dias e a Lua aparece no dia primeiro. Ocorre

a cada dois ou três anos, aconteceu em 2012, em julho de 2015, janeiro e março de 2018, outubro de 2020, agosto de 2023, e deverá se repetir em maio de 2026 e dezembro de 2028.

Alguns historiadores contam que no século XVI, pessoas afirmavam ver a tonalidade azul na Lua e no século XIX a discussão voltou à tona.

O que se comenta é que houve uma explosão vulcânica que jogou grande quantidade de fuligem na atmosfera, então há relatos de que a Lua teria ficado com um leve tom azulado. Daí veio a expressão criada nos Estados Unidos:

BLUE MOON.

EU AVISEI!

Roberto Minadeo

Muitas coisas não funcionam! Talvez a maior parte das coisas que os pobres seres humanos procuram fazer termine da maneira mais melancólica possível! Daí a importância de destacar os bons resultados.

Ninguém gosta de fracassar. Seja um tomo pessoal ou um sofrido sete a um aplicado pela Alemanha. Apesar de se saber que ganhar sempre é impossível, procura-se ao menos manter determinada média: nem ganhar todas nem perder todas – e, muito menos, sofrer uma humilhação.

Há aquelas pessoas de grande sorte, aos quais a fortuna sorriu desde o nascimento. Igualmente existem aqueles que – por maiores que sejam seus esforços – nada conseguem. É

triste e desanimador ser rotulado “perdedor”.

Porém, pior do que o fracasso, é a negra figura urubulina, que apenas serve para prever o que de ruim virá a ocorrer. Tais elementos em nada contribuem para que os inevitáveis resultados ruins sejam diversos. Nada disso! A utilidade de tais figuras é avisar sobre a chegada de desgraças, para abater o ânimo de seus ouvintes.

Quem são essas pessoas? Vivem na tristeza, não enxergam uma única brecha positiva em suas vidas ou no que as rodeia. Vivem eternamente de luto.

Chega o fracasso – mesmo que seja diferente daquele previsto – mas o urubulino já capitaliza para ampliar sua fama catastrofista, gritando a plenos pulmões:

“— Eu avisei!”

É claro que qualquer fracasso foi previsto. A razão mais evidente é que de tudo que se faz há inúmeros resultados possíveis, mas o urubulino coloca na mesa centenas de possibilidades negativas. Algumas delas ocorrerão!

Mas, e as dezenas de parciais positivas? E se o saldo for bom? O urubulino não tem espaço em seus pobres neurônios para sequer vir a considerar essa hipótese. Afinal, ele vive do comércio da desgraça, apregoada mediante todas as mídias disponíveis com o uso de sua célebre frase:

“— Eu avisei!”

O PAI ETERNO DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Vera Lúcia de Oliveira

Quantos caminhos um homem deve andar/ Pra que seja aceito como homem/ Quantos mares uma gaivota irá cruzar/ Pra poder descansar na areia... diz a canção de Bob Dylan. Assim foi, e de certa forma tem sido, a trajetória do escritor brasileiro João Silvério Trevisan (1943-...). Nesses quase oitenta anos de vida, andou por caminhos tortuosos, desde a infância em Ribeirão Bonito, no interior de São Paulo, onde foi até apedrejado pelos colegas, e vagou, melhor, caiu e rolou na estrada como a pedra da canção “Like a Rolling Stone” (também de Bob Dylan), autoexilado em vários países, sem lar, como um total desconhecido para, depois de muitas odisséias, se estabelecer como um dos grandes romancistas do nosso país, apesar do pouco reconhecimento ao seu talento.

João Silvério nos conta com muita emoção sua história dolorosa no autobiográfico *Pai, Pai* (RJ: Alfaguara, 2017). É um livro para os fortes, pois dói na alma acompanhar a infância sofrida do menino que trabalhou feito gente grande e muito apanhou sem saber por que, o que o fez sentir-se culpado, transferindo a vergonha que seria do pai para si próprio, numa inversão de posições. Foi espancado pelo “pai patrão”, homem bruto de quem guardou um pote de mágoa, e muito trauma, como se vê no livro, cuja frase inicial já impacta o leitor: *Tudo que meu pai me deu foi um espermatozoide*. (p. 7). No entanto, busca compreender esse pai tão difícil:

Sim, há um grande risco de que eu esteja sendo injusto. Meu pai me abriu caminho para ser quem eu sou, e aqui estou escrevendo por sua causa. Sei da temeridade de conspurcar a imagem de um morto, e com isso me petrificar numa estátua de mágoa, como muitas vezes fui tentado, ao olhar o passado em busca de conforto. (pp. 6 e 7).

Assim se inicia esse livro arrebatador do filho autor que, perto dos setenta anos, começa a escrever sobre o pai José, que o marcou com o ferro em brasa do seu sobrenome Trevisan. (p. 8). Escreve para, numa espécie de catarse, exorcizar o passado, tentar entender quem foi esse homem cuja ausência tem marcado a sua existência como um fantasma que quer ser compreendido. *E o filho mal-amado avisa: esta será uma conversa de homem pra homem, entre mim e meu pai. Ele terá que ouvir. Tudo. Em todos os lugares onde estiver*. (p. 9).

José Trevisan e seus irmãos eram filhos de italianos. Pobres, trabalharam juntos no comércio de panificação e exibiam na fachada

da da casa o nome “Padaria e Bar Brasil”, de que se orgulhavam. Foi nessa padaria que o pequeno João Silvério comeu o pão “mirrado e borrachento” que o pai amassou. Franzino, fazia entrega dos pães com um grande cesto, pão, cada vez mais, da pior qualidade, que o fazia ouvir reclamações e xingamentos. Lembra-se da *cesta de bambu, grande para o meu tamanho* (p. 25); foi também nesse bar que o pai se tornou alcoólatra. Esse o vício que o levou à decadência física, moral e material. Apesar de trabalhador, o negócio não resistiu por muito tempo, e o pai “pinguço” levou a família à miséria. Tornou-se violento: espancava a mulher e o primogênito João que, menino sensível, povoava a sua solidão com as canções do rádio, que o faziam chorar de tristeza e emoção. Cedo descobriu a arte. Nas matinês, apaixonou-se por Tarzan, pelo Zorro e pelo cinema (tornou-se mais tarde grande roteirista). E esse caminho foi ainda o motivo do desgosto do pai “machão” que via muito mal a inclinação homossexual do filho, para ele, ovelha negra.

As lembranças da infância infeliz e desamparada são muitas: as surras que a mãe levava de madrugada e que o enchiam, e aos irmãos, de terror; os chutes e “tapaços” imprevistos do pai, mostrando todo o seu ódio e brutalidade (*sem nunca compreender por que me espancava*); os fregueses xingando o pai de bêbado, pinguço, cachaceiro ou pau-d’água (p. 35); a bicicleta prometida todo ano no Natal, que nunca chegou. E numa passagem revoltante, conta-nos do “batismo”, quando, sem saber nadar, foi jogado no rio por um bando de colegas perversos que, ao vê-lo quase se afogando, riam e gritavam que era para ele *aprender a ser homem*. (p. 54). Respondeu àqueles sádicos: *Sou homem, sim, mas não quero ser igual a vocês*. (p. 55). Aquele foi o seu batismo; o rio, o seu Jordão, disse. Doloroso rito de passagem, mas uma bênção, como considerou: *Inadvertidamente, eu iniciava o meu processo de ser outro, um homem, sem deixar de ser o mesmo filho de José, o cachaceiro*. (p. 55).

João Silvério, como o bíblico Esaú, outro mal-amado, teve recusada a bênção do pai e, como Cam, o filho amaldiçoado de Noé, que o viu bêbado e nu, teve, porém, a bênção da mãe, Maria, que o salvou com seu amor, bondade, compreensão e, com muito sacrifício, deu-lhe os primeiros livros para ler, o que lhe abriu espaço para a arte e o ajudou a escapar do pai tirano na ida para o seminário. O primeiro de muitos exílios. (É muito interessante a semelhança entre a infância pobre com pai alcoólatra, os estudos no seminário, a perda da fé católica e depois o autoexílio de James Joyce e João Silvério Trevisan).

O seminário, onde estudou como bolsista, foi parte fundamental em sua alta cultura, sobretudo na formação em Filosofia. Apesar de mais tarde ter rompido com a religião, lá engajou-se nas mudanças progressistas da Igreja Católica; apaixonou-se secretamente por colegas e pela música erudita; foi despertado para a literatura: escreveu seus primeiros contos e descobriu a vocação de escritor, roteirista e cineasta, seguindo carreira premiada por sua extensa obra como romancista, a exemplo do espetacular *Ana em Veneza* (1994), que, sozinho, poderia ter lhe dado o Nobel, como afirmou a gerente de literatura da Eichborn, no lançamento em Berlim, em 1997, onde o livro foi o carro-chefe da editora alemã na feira.

Mas a busca do pai continua. Diz ele:

Para além da fase do seminário, o processo alquímico de esculpir dentro de mim a figura perdida de pai se desdobrou para vários outros homens (educadores ou não) que exerceram a função paterna no processo de minha formação. (p. 138).

Foi com Paulo Emílio Salles Gomes (e depois com o lendário Francisco Julião, que lhe abriu a casa no México), cuja generosidade marcou a vida do ex-seminarista, que entrou em contato com as primeiras ideias libertárias. Como pai espiritual, exercendo a função paterna, a presença do cineasta ao lado da mulher, a bela Lygia Fagundes Telles, ajudou-o a ressignificar a falta de José, iniciando um longo processo de amadurecimento e busca de perdão ao pai.

Teve também vida devassa (menino malcriado?) numa tentativa inconsciente talvez de desafiar os valores do pai, para dele se libertar e tornar-se quem sempre fora. Essa é a via-crúcis do livro: um homem às voltas com a dor da perda, com sua rebeldia e inquietação sexual e existencial, com seus amores expressos e “fora-da-lei”, quase naufragando na nau dos insensatos, matando um leão por dia para sobreviver. Jamais perdeu a dignidade de ser humano e cidadão honrado sempre a favor dos excluídos e militante da causa LGBT.

Nesse *Pai, Pai*, título plurissignificativo pela repetição da palavra, temos o duelo do filho com a imagem do pai, tão infeliz quanto digno de pena, a quem demorou trinta anos para compreender; do filho, já homem maduro, que busca apoio na arte e na psicanálise (como um Édipo às avessas tentando decifrar a si mesmo) e em todos os exílios onde se perdeu e se achou para aceitar a rejeição paterna – sua verdadeira orfandade – buscando o amor de outros homens, pois tudo o que sempre quis foi tão somente o abraço do pai. E a marca do “nome-do-pai”, como disse Lacan.

RAUL POMPEIA: MÍNIMO, MÚLTIPLO, INCOMUM

Gilmar Duarte Rocha

A segunda metade do século XIX foi profícua para as letras brasileiras, tanto pela consolidação dos escritores românticos, poetas em sua maioria, como também pelo surgimento da escrita de vanguarda, seguindo a grande onda revolucionária francesa, que espalhou para os homens e mulheres de escrita de todo o mundo novas tendências; novas orientações; liberação da consciência e do sentimento íntimo; pensamentos de reflexão e libertação e sobretudo um universo imensurável de ideias que alçariam a literatura para outro patamar no mundo das artes.

No Brasil, podemos destacar o Realismo e o Naturalismo, correntes de letras que contaminaram a maioria dos nossos vates que, inspirados em Flaubert, Zola, Maupassant e companhia, começaram a gerar produtos de grande qualidade, em especial, Machado de Assis, romântico de nascença, mas que azeitou a sua escrita e desandou a produzir obras de cunho realista, algumas inspiradas pelo tempero do português Eça de Queirós, escriba lusitano também contagiado pela nova escola da França.

Dentre os que adotaram o Naturalismo que, na minha ótica é uma evolução da corrente realista, pois ambos (tanto o Realismo quanto o Naturalismo) adotavam a linguagem objetiva, crítica social e uma certa falta de um ideal concreto. O Naturalismo se sobressai e se desgarra, por assim dizer, em virtude de exacerbar algumas peculiaridades como o determinismo, ou seja, opiniões condicionadas por raça, meio e pelo momento histórico em que viviam.

No Brasil da época, três grandes escritores aderiram a esse estilo e ganharam destaque produzindo obras de suma importância para o cancionário brasileiro, os quais são Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Raul Pompeia.

Dos três, Raul Pompeia, que nasceu em Angra dos Reis, RJ, em 1863, chama a

atenção por algumas particularidades. Viveu pouco tempo e produziu obra em quantidade mínima. Era um homem multifacetado, cursou Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, arrebatou o canudo de advogado, mas não exerceu a profissão. Voltou para a casa dos pais no Rio de Janeiro e resolveu tornar-se jornalista. Empregou-se no jornal carioca Gazeta de Notícias e passou a colaborar com o periódico publicando ao correr da pena aquele que seria o seu clássico, o romance existencial *O Ateneu*.

Lido por dez entre dez estudantes que pretendem prestar o Enem, *O Ateneu* foi transposto para a televisão sob a forma de novela e teve a sua sinopse consagrada pelo site da editora Ateliê Editorial:

Sérgio entra n' O Ateneu, pela primeira vez, em uma data festiva. Tudo lhe parece muito novo e instigante e ele fica ansioso para entrar no internato. Mas, logo na sua chegada, o protagonista percebe que a festa que havia presenciado não era o cotidiano do colégio. Após um desmaio (ao ser apresentado aos colegas), ele passa a ser perseguido. Tudo começa parecer perigoso e dubio n' O Ateneu. O aluno Sanches, por exemplo, a um só tempo parece ter provocado um afogamento e salvado Sérgio nessa situação. Sérgio se incomoda com as aproximações físicas de Sanches (apesar de beneficiar-se porque este é um bom aluno) e acaba afastando-se dele. Outra relação retratada no livro, a de Sérgio com o bibliotecário Bento (que também é aluno do internato) sugere homossexualidade, o que inclui, também, comentários maldosos de outros alunos sobre o assunto.

No mesmo site vê-se a análise da história:

O Ateneu, enquanto microcosmo da sociedade do século XIX, é, na verdade, uma severa crítica à sociedade carioca da época. Enquanto quem paga a mensalidade

em dia é bem tratado, os alunos cujos pais atrasam os valores são desprezados.

O ambiente cotidiano de opressão muda completamente nos dias de festa, quando pessoas do lado de fora d' O Ateneu vêm até o colégio. As descrições científicas e psicológicas do ambiente e dos personagens deixam clara a intenção de analisar e criticar o status quo.

Além dessa obra significativa, Pompeia (que também era exímio desenhista) legou-nos meia dúzia de escritos que não tiveram grande repercussão. Mas a sua curta vida terrena não se restringiu apenas à literatura. Desde os tempos de faculdade, ele havia se engajado na causa abolicionista na companhia de Luís Gama, principalmente, como também na causa republicana, publicando matérias de vanguarda juntamente com personalidades do naipe de Luís Murat, Raimundo Correia, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e Teófilo Dias.

Com o advento da República, Raul Pompeia tornou-se partidário fervoroso do pouco democrático presidente Floriano Peixoto, opção que lhe trouxe dissabores e inimigos. Com a chegada do democrata Prudente de Moraes ao poder, foi demitido sumariamente do cargo de Diretor da Biblioteca Nacional, devido a um discurso inflamado na tumba de Floriano Peixoto, e teve um sério atrito com Olavo Bilac e Luís Murat, que o classificou de um louco no cemitério.

Derrotado e desgostoso; levando uma vida incerta e sem bandeiras para lutar, o escritor Pompeia tomou a polêmica decisão do suicídio em 25 de dezembro de 1895, aos 32 anos, no escritório da casa em que morava com sua mãe.

Apesar da vida curta e conturbada, o incomum e sensível homem Raul Pompeia não conseguiu destruir o seu maior tesouro que construiu em vida, o seu eterno romance *O Ateneu*, que será sempre lido por gerações a fio.

REFLEXÕES DE PAULO MADEIRA

Napoleão Valadares

A cabo de ler o livro *Proibido*, de Paulo Madeira. Começa por convidar o leitor a pensar. Numa linguagem correta, fluente e clara, ele põe em discussão fé, crença, suposições. São reflexões sobre temas complicados, enigmáticos, alguns até misteriosos. E faz tudo isso sem impor suas ideias, quase sempre formulando perguntas. Mas induz o leitor a pensar.

Cogita sobre a ação da Natureza, no que ela pode influenciar nos acontecimentos

do mundo, focando sempre o aquecimento global (uma preocupação constante). Depois de tanto tratar das incertezas da vida e do mundo, em certo ponto ele diz: “Que Deus e o bom senso nos ajudem. E aos estadistas...”

Se não bastasse, cuida das impressões de astrônomos, astrofísicos, cosmólogos, analisando as conclusões a que eles chegam. E, no meio dessas meditações e questionamentos, lida com teorias de diversos pensadores, cientistas, filósofos, geneticistas, teólogos e outros sábios, como Stephen Hawking, Char-

les Darwin, Gregor Mendel, Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Bacon, Freud, Dean Hammer, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, São Paulo, Albert Einstein, Dante, Yuval N. Harari, Heródoto, Thomas Morus, Reza Aslan.

Pensar. Isso é o que o autor propõe. Como se vê, a grande preocupação de Paulo Madeira é com o pensamento. Ele pensa, conta a história do pensar e propõe que pensem. O resultado é bom.

AGULHA DE COSER O ESPANTO

Josiel Barros

O poeta e um dos fundadores da Bossa Nova, o carioca brasileiro Vinicius de Moraes, imortalizou o De repente, não mais que de repente. Esse verso decassílabo, do antitético poema "Soneto de separação", demonstra quão é espantosa a passagem das coisas (no caso, em específico, da separação entre um casal que, de repente, como em um espanto, perdeu o amor) no tempo. Debaixo do sol, tudo está sujeito a transitar em um sonoro de repente, não mais que de repente.

Em Diego Mendes Sousa, em uma fração do espanto, já se vão vinte anos de realização de uma das mais significativas e sedutoras produções poéticas da Literatura Brasileira contemporânea.

Quem o conhece pessoalmente sabe do espírito gentil e ousado que o jovem poeta detém.

Quando ele se descobriu para a literatura, a partir do espanto causado pelo romance *A casa da paixão* (1972), de Nélida Piñon, **in memoriam**, ele encarou os desafios, dia após dia, para se incorporar de um modo mui digno e ousado entre os grandes nomes da poesia nacional e estrangeira. E essa intrepidez, de se introduzir fervendo no meio da quentura, é própria de quem é nocauteador.

Clarice Lispector expressou: Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Vendo assim, parece que ser poeta é, antes de tudo, como Diego Mendes Sousa mesmo verseja, ser um viajante sem batismo, isto é, não ficar atrelado a qualquer religião. Comer de tudo. Gozar de tudo. Nocautear o ego. Arranhar a alma.

Vendo sua trajetória poética, parece que grande é o poeta que se arvora nos temas abismais espalhados nos meandros dos desassossegos e das calmarias humanas.

Mas não; não pretendo fazer um panorama dos vinte anos da produção de Diego Mendes Sousa. Temo não ser capaz de tanto. Porém, com a devida modéstia, quero demonstrar a impressão que tive ao ler o seu último livro: *Agulha de coser o espanto*. A meu ver, é uma das suas mais brilhantes obras pelo quadro imagético, conceitual e filosófico apresentado.

O título do livro é uma gigante costura metafórica: uma agulha capaz de coser/alinhar o espanto de viver do (e no) ridículo, do (e no) tempo e do (e no) amor. Além do mais, o verbo "coser" (ato de juntar com pontos com agulha e com linha) traz, a bem da leitura poética, a possibilidade de captarmos a presença de uma composição por aglutinação a partir da junção da preposição "com" ("junto, acompanhado de") com o substantivo

vo "ser", o que nos fornece a ideia de que o trato da agulha poética é um serviço coletivo, plural e multiativo, em que a poesia só se realiza dentro da interação sinérgica e contínua que há entre o poeta e o leitor.

Vale destacar que o livro tem a augusta apresentação de Nélida Piñon, um dos mais referenciados nomes da literatura nacional contemporânea e imortal da Academia Brasileira de Letras.

Agulha de coser o espanto está dividido em três seções:

a) primeira parte é a Agulha de coser o ridículo.

Nesse campo é apresentado/revelado que a poesia é a agulha; é ela que fura e pontilha o tecido, retalho das coisas, dos sentimentos, dos homens, das dores e da fé.

O poema é o pomo
do sangramento humano,
um testemunho da vivência,
com segredos, e sobretudo,
com revelações.

E não só isso, também se evidencia que o poeta é o modista risível, o costureiro que, com a agulha alinhada e linha certa, sai tecendo vestimentas com as quais se adorna a humanidade.

O poeta
é aquele
ser risível
que opera,
pensa, sente
sangra
e galopa
insano.

Esse ponto da obra é crucial para se entender a proposta do que vem a ser "coser o espanto". A poesia cirze o assombro a partir de quem a usa com estilo e inteligência, o poeta, o tecelão de modas e das transformações.

Deus,
o oleiro
que tece à mão
a terra perdida.

b) em um segundo momento, tem-se a Agulha de coser o tempo.

Essa agulha é a mais filosófica, também a que mais aproxima o poeta da eternidade devido à sua urdidura existencial que incomoda e afronta. Ela é capaz de fornecer a costura permanente de reminiscências.

O tempo
é arco-da-velha
que às turras
arrasta o presente
para confins
memoráveis.

Para quem não está familiarizado, o arco-da-velha se refere ao arco-íris surgido no livro de Gênesis, na Velha Aliança, quando Deus, a partir do dilúvio, destruiu o mundo antigo. O arco-íris foi, portanto, um sinal celeste glorioso da promessa divina aos homens. Diego Mendes Sousa costura essa alegoria de um modo genial, apontando que o tempo, a "vítima" da agulha, é essa imagem colorida e esplêndida que, com pancadas, arrasta o presente para o passado, fornecendo uma saudade cativante, memorialista e chorosa, por vezes.

Dentro desse quadro feérico, o tempo é tudo, só não é vilão. Ele é uma espécie de causa necessária que deixa aos olhos humanos uma marca hermética, a saudade. E ela é um dos mais fortes sentimentos a que o homem é obrigado a se submeter, já que a separação, a distância, os desencontros são sinais caímicos herdados por todos os filhos de Adão.

O tempo arrulha
uma saudade
mergulhada
na claridade
do presente

E ainda
Ficou por certo
polegada a polegada
a perenidade
da saudade.

Esse movimento temporal também cirze a filosofia. Envelheci a alma a caminho do tempo, é o que Diego diz. A mobilidade que o poeta lança sobre a sua existência faz dele um costureiro de seu próprio destino e aprendizagens; ele não é, definitivamente, um ser paciente e, portanto, inerte ao querer aventureiro do ocaso.

Para Diego Mendes Sousa, o poeta das agulhas, coser o tempo é a máxima expressão de não envelhecer com as dores peculiares da idade. É como se, enquanto poeta, pudesse andar pelo estômago do tempo e livrar-se de seus nefastos efeitos. E esse é o poder de sua agulha. É essa a sua Poesia. Uma forma divina de construir e destruir. De sondar e de dar mistério. De andar pelas retas e pelas sinuosidades. De ser Gênesis. De ser Êxodo. De ser

Apocalipse. De ser. De coser. Sim, o poeta das agulhas subjuga o tempo e cirze a saudade, ponteando o horizonte com a linha certa de suas vivências e memórias.

(...) a agulha
de coser
o tempo
como uma múmia
que ponteia o horizonte
da dor pura,
fugidia
que atravessa
a vida...

c) na última seção, evidencia-se a Agulha de coser o amor.

Quem acompanha o poeta Diego Mendes Sousa sabe que uma de suas mais brilhantes tessituras se dá no ato de coser o amor. O amor a Altair. À estrela Altair. À Susana de sua poesia. Aliás, o poeta das agulhas tem um livro especial dedicado à sua maior inspiração: *O viajor de Altaíba* (2019). Aqui, em *Agulha de coser o espanto*, ele, novamente, não poderia deixar de fora a urdidura que o lança para experimentar o prazer do amor. Outra vez, ele

se mostra um vagoante a depender da felicidade que está nos olhos de sua amada:

Vago como um peregrino
na clarividência
do seu olhar
verde, verde
de mar.

Essa agulha, que cose o amor de sua Musa, também cirze o amor à geografia de sua terra, a sua Parnaíba: Tenho o coração cravado nas minhas raízes e

Minhas mãos carregam
o sal cristalino das ondas
do mar do Piauí

Parnaíba é o amor geográfico. O amor do cheiro das águas. O amor citadino em que pendula marcando as horas em seu coração.

Ah, Parnaíba
a casa,
o centro a terra
o mar o rio
o rosto do mundo

Finalizo estas impressões destacando que o poeta das agulhas não deixa de clarificar o quanto importa ao seu coração o amor que consigo carrega. O amor da procura, da insaciável busca de se encontrar fora de si, quando se busca no “trem da história” ou em si mesmo, nos seus “vagões da memória”.

Em Diego Mendes Sousa, o ridículo, o tempo e o amor são facetas comungáveis a todos os homens e, portanto, suas imagens, versos, ritmos e costuras não são faces da poesia de uma região tão somente. Eles têm a grandeza dos gênios e o caráter universal, o que é próprio dos grandes nomes da Poesia, como foi o seu tio-avô, Ferreira Gullar, um dos mais importantes poetas brasileiros, por exemplo.

Em *Agulha de coser o espanto*, Diego Mendes Sousa, o poeta das agulhas, alinha os fatos, os feitos, as esperanças, o ridículo, o espanto das coisas, o espanto dos homens e o espanto da vida em uma colcha arco-lírica e poética de fazer assombro.

POEMAS DE MARGARIDA PATRIOTA

O QUE TRANSPIRA

Se a mão em concha tapa a boca
A fim de manter a voz nos ossos

E as pálpebras baixam
Para que os olhos não deneguem o coração

O peito tranca litánias
Coleção de brados que não ocupam espaço

Não ocupa espaço nem opina
O sim que morre na garganta

Não compromete nem incrimina
O suor que o vento seca

Às vezes satura o diz que diz das veias
Mas vou deixando que palpitem

DE CORPO PRESENTE

Não é pelo falir da carne
Que derreio os joelhos

Nem por espasmo
De cansado músculo

Não são colapsos
Que me vergam as pernas

Nem fardo ao dorso
O que o torso me curva

Não são desânimos
Que cá e lá me dobram

São reverências
Que me pede o mundo

A EXPERIÊNCIA DA POESIA DE ALEXANDRE PILATI

Salomão Sousa

Ao contarmos os textos poéticos produzidos nas duas últimas décadas do Século XX, até o início da terceira década do Século XXI, podemos constatar que a poesia vive profundos dilemas, que carecem de respostas definidoras e alcance de processos de execução convincentes. Não só de processos convincentes e de respostas definidoras, mas carece ainda de enfrentamento crítico pelo próprio corpo de autores contemporâneos, pois fica a impressão que, abandonados pelas parcas, são despertados pela atração do canto fácil da falsa sereia virtual.

Primeiramente, podemos levantar alguns questionamentos de ordem operacional. É suficiente o conhecimento da tradição? Os poetas contemporâneos estão interligados aos poetas do passado? A floresta de alheamento da realidade tem sido incorporada para produção de metáforas legítimas? O poeta tem procurado entrar em contato com a técnica das épocas que o antecederam ou adotam procedimentos que nascem solitariamente dele mesmo? O caráter egocêntrico da era digital – com suas corrosões linguísticas e de eliminação da alteridade social – está contribuindo para produção de textos poéticos descartáveis? A poesia ainda é uma linguagem de chamamento social e de geração de espetáculo lírico, de deleitamento no ato da decodificação da leitura?

Para abordagem do problema, podemos nos valer de dois termos latinos, que guardam semelhança entre si, mas que remetem a alguma estrutura construída que se mantém de pé. A edificação (aedificatio) envolve escolhas, definições, áreas, temas, enquanto a construção (constructio) é o ato de usar os materiais escolhidos para a montagem do produto. Não é à toa que o primeiro termo é fartamente empregado em diversas áreas (edificação moral, edificação espiritual), representando os princípios que irão constituir o processo, tornando-o sólido, convincente e confiável.

Mas entra nisso um quesito fundamental: só é possível o uso de materiais que são de conhecimento e domínio daquele que se propõe a construir, que foram por ele experimentados e que possam satisfazer necessidades e exigências de uma época. Os poetas têm feito escolhas e buscado experiências para a construção de suas obras? Quais materiais estão sendo escolhidos para solidez da poesia atual? Há exigências externas para a apresentação das propostas poéticas contemporâneas?

Teorizar também não constrói a fábrica de poemas. Não adianta a apresentação de formas (ô) – nem há uma loja que as comercialize –, pois os materiais de cada autor nem sempre se conformam a elas e muito menos

se enquadram às formas (ó) disponíveis, se ele (autor) pode – e deve – moldar o próprio desenho que lhe aprouver para desenformar o produto poético que conseguiu montar para a exposição.

Para a fabricação de poemas (vivemos no mundo de produtos standardizados, de exigências de formas unificadas), o autor, no ato de aedificatio, terá de esforçar-se para aproveitamento do material incorporado em si mesmo, mesmo sob risco de construir estruturas desabáveis.

Recorrendo aos dois últimos títulos produzidos e publicados por Alexandre Pilati, é possível constatar essa volatilidade entre temas e formas (ou aglutinação de formas) da produção poética atual. É certo que há uma prevalência da lírica, independentemente de qualquer outra experiência, seja ela de vanguarda ou de uma mitologia aprofundada no classicismo.

Por se tratar de autor autóctone de Brasília, é de se pressupor que Alexandre Pilati esteja fisicamente incorporado de materiais urbanos modernos, de convivência com uma vegetação da savana retorcida do Planalto Central, tudo permeado de amplo espectro de divergências sociais e políticas. Portanto, Pilati é um filho da urbis moderna ilhada na miséria, mas com trânsito por caminhos de reformulado meio ambiente. Sua poesia só pode transitar unguida da experiência com esses materiais.

Não é autor neófito, pois já publicou cinco livros de poemas e outros mais de estudos literários, além de atuar como professor universitário, com passagem como professor visitante na Università degli Studi di Perugia, Itália (a grafia no original dá um tom neobarroco à narrativa biográfica de um autor). Currículo esse que o aproxima do debate e da experiência da tradição e da prática da poesia no mundo contemporâneo.

Apesar de não centrarmos atenção somente no livro *Sob linóleo vermelho* (2020, editora Urutau), captamos pela epígrafe de Louise Glück, em que há procura de inseminação de alguma coloração no universo poético, em que pese o processo ser individual e disforme. Constata-se que a poesia transita por um território misshapenn, ou seja, disforme, deformado. E por que não desmanche, desmanchado? Acabou-se a forma, então? Pilati, no poema de abertura desse poemário, chega a propor que se “Escreva poemas/em um caderno/cujas folhas se soltem facilmente”, e que se “Publique poemas/em livros que facilmente/se desfaçam”. Kavafis acumulava os poemas soltos sobre uma bancada e a cada amigo oferecia um maço deles sem acabamento em livro. Inclusive enviava para subs-

tituição a folha do poema ao qual impusesse alguma alteração. Portanto, não vivemos em um mundo só disforme, desmanchado, mas sujeito a intervenções cirúrgicas (que podem apresentar ranhuras e outros aspectos deformados). As formas são ajustadas para satisfação pessoal, inclusive a plástica física dos corpos. É passível de indagação: o poema não seria objeto disponível de intervenção – para que o satisfizesse – pelo leitor? Pilati chega a propor sugestão nesse sentido (Copie!/Despiste./desista...). Nos direitos do leitor, de Daniel Pennac, consta que o leitor pode pular páginas, não ler (desistir de ler), mas não consta que ele possa destruir o livro. O livro ainda merece o altar do sagrado?

Nesse livro *Sob linóleo vermelho*, de questionamento do ato em si da escritura, há referências a Jorge de Lima (*A túnica inconsútil*), ao professor e poeta Hermenegildo Bastos, a Manuel Bandeira (*Estrela da manhã*), a Kafka (**vermes insetos**), entre outros. Há uso do poema processo em “Cancelamento” – aí vem o grilo/pula pula pula e pluma), talvez a mais plástica das experiências de Pilati nos dois livros agora em foco. Mas, o melhor, é que tudo é permitido num poema que não será lido (verso de Pilati). Talvez por isso a poesia contemporânea possa ser (e é) tão permissiva (e assim evitar a remissão ao verso livre).

Dentro dessa convocatória de que tudo é permitido no processo de construção poética, e considerando que cada um dos poetas põe em destaque um poema para abordagem da própria fabulação biográfica, é oportuna a abertura de um parêntese nesse texto para registro da relevância do estilo do poeta Djami Sezostre – poeta que chega ao ápice de desmanche do processo linguístico. Ele consegue a abolição do significado, chegando à desfazetez de conseguir dar existência ao verso só com a sonoridade ao optar pela ocorrência da junção das letras de forma aleatória. *A estrela chorou rosas* (2023, Editora Patuá), ao consolidar as técnicas de desconstrução das palavras e das frases por Djami Sezostre, é um livro de enrubescer a face da poesia brasileira. De uma espontaneidade feroz sem ferocidade, pois começa com um poema em que desenvolve currículo criativo onde a fábula arrasa o real e termina com a parturiente técnica disjuntiva de sílabas, palavras e frases. Cada um leia o que consegue inventar. Jesus escrito esfaceladamente dentro de mim. Assim eu leio Djami Sezostre.

Para complementar essa aproximação de Pilati da tradição, é bom ressaltar que o livro traz vários poemas que se interligam com a Poesia Marginal (“Coxinha”, “Acordo de

cavalheiros”, “Na unha”, “Nova política”) ou aforística (“Arte”). Portanto, reflete no poe- mário alguma tradição (aquilo que se produ- ziu antes de o autor manifestar-se na cons- trução de numa obra) bem como a ambiência de circulação do poeta (congêneres da Poesia Marginal, o ambiente urbano dos crachás e fi- las, Galdino). Ao moldar-se à diversidade, Pi- lati completa essa falta de alinhamento a um único processo de construção com o proces- so crítico (Nos palácios de Brasília, arrotam), com a partição incomum dos versos e com a aproximação até da poesia de cordel (quem pode anular/a vigência do caos/o império do não/a pedra angular/dessa revolução).

O livro *Tangente de cobre* (2021, edito- ra Laranja Original) foi contemplado, merito- riamente, com o prêmio Candango. Como na obra anterior, o autor firma-se em tradições claras ao fazer homenagem a Maiakovski, Da- niel Defoe, Karl Marx, entre outros. Só que, agora, o poeta se desgarrá do questionamento da própria poesia, do instantâneo da Poesia Marginal, para avançar um pouco mais para o ordenamento da invenção. Chega, em alguns momentos, a abolir a pontuação e as maiúscu- las. Em outros lugares, recortes rápidos, com andamento obtido pela própria pontua- ção (Organizar./Dar a um e outro o denso/da História. A todos, esse denso./Ordenar. Clas- sificar. Sistematizar.) Não há um local certo de recorte. Como em Djami Sezostre, o verso não merece um limite, pois é o disforme que organiza a construção. Chega a propor um

soneto, mas esculhamba a forma com a desor- dem do real, no revirar do lixo. E no lixo não é possível encontrar nada inteiro, consonante, rima. Vivemos o tempo do lixo social, do lixo político? A poesia pergunta, sem propor res- postas às claras.

Em declaração a um entrevistador, Pila- ti afirmou que o livro traz “poemas do tempo de crise”. Mas toda arte não compartilha de uma crise? Só a ausência de desenvolvimen- to econômico confirma que uma época está em crise? Diante da declaração do autor, essa questão merece ser posta em avaliação. O que ocorreu em 2018 – época de composição dos poemas do referido livro – que aparece, tan- gencia ou submerge no teor do livro? O pas- sado valoriza o presente? Quanto vale, agora, esta mesa? – afirma Pilati em um dos versos. Só o que tem preço sobrevive à crise, soper- valorizando-se? Quanto vale a poesia para es- capar da crise? Para haver crise é necessário existir campos de batalha?

O material contido em *Tangente de cobre* enobrece a poesia deste início de sé- culo XXI pelo que expõe e questiona. Como conhecedor da poesia drummondiana, com a experiência do seu tempo e das trilhas da poesia, Pilati consegue emular temas contem- porâneos e dilatar a composição sem arro- gância ou perda de foco. Não há um poema na forma de advertência ou carta endereçada a um outro. Tão drummondiano que põe o boi para sambar. Enfim, Alexandre Pilati con- segue cumprir a proposta de dialogar com o

seu tempo, eliminar a crise que o acomete e subverte a construção de seus poemas. Não há crise no corpus da escrita de Pilati – pelo menos é o que se pode apurar pela leitura de seu livro. A poesia cumpre o efeito sanitário de apresentar um tempo sadio como o álcool gel que faz a assepsia para que o homem possa transitar livre de contaminação.

Mas onde estão as respostas a todos os questionamentos iniciais? Diríamos que as propostas ainda estão sendo postas por Ale- xandre Pilati, Djami Sezostre e todo o espec- tro de poetas questionadores desse tempo. A melhor resposta é atuar como Alexandre Pila- ti vem buscando em seu processo de criação. Abordar o boi e a cachorra Baleia, que ele viu ou imagina ao pé do muro, mostrar aquilo que outros ignoram, misturar mundos que não se conhecem. Repetir (drummondianamente) também é uma resposta quando as questões voltam a ser as mesmas de tempos anteriores. Eliminar o significado e deixar só a sonorida- de – outra proposta de resposta.

Amarrar um louco é uma resposta. Cortar um nabo é uma resposta. Juntar a ca- caria é uma resposta. Inserir situações desco- nhecidas ao currículo é uma resposta. Uma cachorra morta é uma resposta. Na impos- sibilidade de formas novas, aglutinem-se as mortas.

Em último caso,
escreva um poema.

VACARIA

marcos freitas

da vacaria do anjelim — estrada de palmeirais —
vinha o branco leite todo dia santo
o galo e seu canto clareando a manhã
de gente e vasilhames em fila: nós meninos

* * * *

cada dia um de nós a cumprir seu dever
aqueles eram tempos, tempos de haver
(pai, mãe, algazarras, carros de rolimã, brinquedos)
o creme de leite fresco gerando manteiga
de se pôr em garrafas

FRENESI

Basilina Pereira

No sem-sentido das coisas,
pronuncio teu nome e todo o meu ser se veste de mel,
penso em teus lábios e sinto-os soprando meu cansaço,
num gesto de ternura e bem-querer.
Minhas mãos tateiam a tua imagem
e ela floresce num verso de jardim.
Neste mergulho, a vida me conduz ao éden do teu sorriso
e tudo parece urgente.
No frenesi do teu corpo, procuro outra forma de navegar;
quero um oásis onde o tempo não exista
e minha poesia seja a moeda de valor
e que a esperança possa ancorar.

SENSIBILIDADE E GRATIDÃO

Francisco Fiori Neto

O homem por detrás do balcão olhava a movimentação ruidosa da rua de modo distraído. Era um tradicional lojista. Ao lado, a esposa também já idosa, fazia o seu tricô.

Nesse íterim, uma garotinha se aproximara da loja e amassou o narizinho contra o vidro da vitrine. Os olhos meigos e risonhos dela brilharam, quando ela viu determinado objeto. Entrou na loja e pediu para ver o colar de pedras (turquesas) azuis.

– É para a minha irmã, disse ela para o casal. Pode fazer um pacote bem bonito? O dono da loja olhou surpreso para a garotinha, olhou em seguida para a esposa, que sorria por trás dos óculos, e perguntou à menina: – Quanto dinheiro você tem?

Sem hesitar, ela tirou do bolso da saia um lenço todo amarradinho e foi desfazendo os nós. Colocou-o sobre o balcão e feliz indagou: – Isto dá, não dá? Eram apenas algumas moedas que ela exibia orgulhosa.

– Sabe, continuou ela, eu quero dar esse presente para a minha irmã mais velha. Desde que a nossa mãe morreu repentinamente, ela cuida da gente e não sobra nenhum tempo para ela.

Amanhã ela aniversaria e tenho certeza de que irá ficar muito feliz com o colar que é da cor dos olhos dela.

O homem foi para o interior da loja, mais uma vez olhou para a esposa, agora com os olhos marejados. Colocou o colar num estojo, embrulhou com um vistoso papel colorido e fez um laço caprichado com uma bela fita. Colocou numa sacola e disse para a garotinha: – Tome, e leve com muito cuidado.

Ela saiu feliz, saltitando pela rua abaxo.

Na manhã seguinte, mal abria a loja, entrou uma bela jovem de cabelos longos e lindos olhos azuis. Colocou sobre o balcão o já citado embrulho, desfeito, e perguntou:

– Este colar foi comprado aqui?

– Sim, respondeu o lojista. – E quanto custou?

O dono da loja sorriu, abanou a cabeça, e assim se expressou:

– Senhorita, o preço de qualquer produto da minha loja é sempre um assunto confidencial entre o vendedor e o freguês.

Mas a moça ponderou:

– Minha irmã somente tinha algumas moedas. O colar é verdadeiro, não é? Deve ter grande valor. Ela não teria dinheiro para

pagá-lo.

O lojista pegou o estojo, tornou a olhar para a esposa, que voltou a sorrir, refez o embrulho com extremo carinho, recolocou a fita e devolveu à jovem, dizendo-lhe:

– Ela pagou o preço mais alto que qualquer pessoa pode pagar. Ela deu tudo o que tinha!

Um profundo silêncio encheu a pequena loja, e duas agradecidas lágrimas rolaram pela face da jovem, enquanto suas mãos trêmulas tomavam o embrulho e ela saía da loja olhando emocionada para aquele gentil casal.

Desta história, resta-nos a lição de que doação é dar-se por inteiro, sem restrições, pois gratidão de quem ama não coloca limites para gestos de fraterna ternura. Sentimentos de gratidão e de ternura são sempre manifestações de uma bela alma de alguém que tem riqueza de afeições puras.

Assim, procure ser sempre grato, sem esperar o reconhecimento de ninguém, pois é um ato de amor semeado, que aquece não apenas a quem recebe, como reconforta a quem dá. E é dando que se recebe.

Daí afirmar-se, com razão, que a gratidão é a mais bela das virtudes.

DEU BANZO

sôniahelenas

Deu banzo,
deu banzo de fato,
deu banzo.

É dor verdadeira,
nos invade inteira,
penetra na pele,
inunda a alma,
está no corpo todo,
vara cada poro,
nos toma completa,
nos deixa inquieta,
nos manda de volta
a tempos atrás.

Há vidas e histórias
que não existem mais,
mas que continuam
bem dentro da gente,
mais vivas e fortes
que no tempo presente.

É banzo de fato,
cantado em senzala,
herdado de escravos,
bravos pioneiros
que no cativo
nem mesmo choravam
e, sim, entoavam
seu canto dorido,
lamento sentido
e hino guerreiro.

Porque mesmo escravos
sabiam ser livres
na imaginação,
na dança, na ginga
de uma capoeira,
a arma que tinham
contra o patrão.

É banzo de fato,
é voz de saudade,
é dor de esperança,
é alegre lembrança
e rica herança
de mil ancestrais.

É banzo de fato,
é vida em um ato.

(Do livro *Andanças no tempo* – 1996)

POEMAS DE ANA MARIA LOPES

AMARELINHA

O chão é onde o salto
começa
Onde o receio do pé
tenta achar o ponto

o equilíbrio do medo
e nas pernas
não cabe muito

Difícil falar dessa
imortalidade
onde o céu
doma tormentos

É suave o risco de giz
no chão

É frágil a ordem da poesia.

NÁUFRAGO

Nadei nas águas da chuva
como se mar fossem
flutuei com pedras no bolso
até criar guelras

aos poucos enchi-me de bocas
sugando algas
salgando a calma

sabendo ser preciso
estar perto de mim
para quando você chegar

E na fenda do mar
afundo, afogo,
mas logo vejo no fundo
sua mão desligando minha alma.

SE

Se você fosse embora
eu não veria mais a seda
não colheria o som de seu riso
nem a franqueza de seu sorriso

Suas mãos de unhas coloridas
nem alisariam mais o ar
nem se encheriam de pedras
e metais

Não sei o que aconteceria
ao murmúrio do mundo
nem ao grito da alma
e à alteração da voz

Apenas eu ficaria
entre o pó e o caos
no frio da falta
ou como um rio
que houvesse perdido
sua foz.

FUGA

Fez-se sombra
no claro do dia
curvada,
perdeu o sol
que a queria
e trancou gavetas
quando o cansaço
se fazia companhia das horas

Esperou o tempo da maturação
em silêncio
ou, quando muito,
sussurrando versos livres
(como nunca seria)

Aguardava em clausura
todos os dias
o dia seguinte

Esperava a hora de sair
de dentro de si também
e mergulhar em algemas
e sem fantasia
no dentro de outro alguém.